



Rosa Honrado Calado e Fernando Mão de Ferro

[COORDENAÇÃO]



Casa do Alentejo

CULTURA, LIBERDADE E SOLIDARIEDADE

100.º ANIVERSÁRIO



Rosa Calado e Fernando Mão de Ferro

[COORDENAÇÃO]

Casa do Alentejo



Cultura, Liberdade e Solidariedade



100.º ANIVERSÁRIO



Edições Colibri



CASA DO ALENTEJO

Título: Casa do Alentejo. Cultura, Liberdade e Solidariedade – 100.º Aniversário

Preâmbulo: João Proença – Presidente da Casa do Alentejo

Coordenação: Rosa Honrado Calado e Fernando Mão de Ferro

Prefácio: Santiago Macias

1.ª parte – “É TÃO GRANDE O ALENTEJO”

Galopim de Carvalho • António Carlos Silva • Leonor Rocha • André Carneiro • Jorge de Oliveira • Beatriz Felício • Teresa Fonseca • António Murteira • António Figueira Mendes • Jorge Gaspar • José Maria Pós de Mina • Manuel Branco • Ana Paula Amendoeira • Paulo Barriga • Eduardo Luciano • Hernâni Matos • Ana Margarida Azinhais • Francisco Sabino • Ana Durão Machado • Luís Maçarico.

2.ª parte – “A CASA DO ALENTEJO”

Rui Rosado Vieira • Guilherme Alves Coelho • Luís Filipe Maçarico • João Miguel Henriques • Rosa Honrado Calado • Vivaldo Quintans • Francisca Bicho • Maximiano Gonçalves • Avelino Bento • Luís Carvalho • Eduardo Raposo • Francisco do Ó Pacheco • José Miranda • José Sucena • Fernando Martinho • Ana Isabel Veiga • Rui Pereira • João Fortes Rocha • Jacinto Palma • João Abecassis • Eduardo Olímpio • Domingos Lobo • Manuel Augusto Araújo • José Alberto Franco • Manuel Verdugo • Martinho Marques • João Mário Caldeira • João Monge • Victor Encarnação

Edição: Edições Colibri / Casa do Alentejo

Fotografias e capa: Raquel Gil Ferreira e Raúl Ladeira

Apoio técnico: Rita Paixão e Maria João Carvalho

ISBN 978-989-566-319-4

Depósito legal n.º 519 120/23

Lisboa, 10 de Novembro de 2023

ALENTEJO: TERRITÓRIO MEGALÍTICO

Leonor Rocha*

“Circunstancias fortuitas, aunque felices, hicieron que yo escogiese Pavia como punto de partida de exploraciones. El caso de una conversación con un amigo, la noticia de la existencia de una anta transformada en capilla, y la seguridad de que la región había sido poco explorada (...)”

(Vergílio Correia, 1921: 25)

“O vale das Antas, assim chamado pela existência de duas antas no mesmo, fica na margem direita da ribeira do Lavre, próximo do regato do Poço do Pires. O vale tem uma certa aspereza. Blocos de granito espalhados a esmo, rompendo com frequência no ondulado do terreno. A paisagem monótona e triste pelo aspecto que lhe dão as azinheiras, debaixo das quais se semeia de ano em ano verdes trigais. No mato estamos em flor, rosmaninho perfumado, sargaços, medronheiros, murtinheiras, aroreiras”.

(Manuel Heleno, abril de 1931, in: Rocha, 2005: 18, vol. 2)

“Para quem gosta da grandeza solitária da paisagem alentejana, esta região tem um encanto singular. Nas áreas graníticas o terreno é levemente ondulado e das colinas disfruta-se uma vista soberba sobre estas terras férteis, alvejando os «montes» espalhados entre olivais e azinhais. A leste, a serra mais alta do concelho, coroada pela vetusta vila de Monsaraz, domina o horizonte, limitado pelas serras da margem esquerda do Guadiana. Em toda a região granítica afloram os penhascos, espalmados pelos campos em grandes blocos, às vezes de formas esquisitas. Como em todas as partes do Alentejo, é esta a zona das antas”

(Georg Leisner & Vera Leisner, 1951: 14)

1. O Tempo e o Espaço

A criação da Casa do Alentejo (1923) é quase coincidente com o renascimento da investigação científica em torno do megalitismo alentejano que se inicia em 1914, com V. Correia, na área de Pavia. Efetivamente, para além das informações avulsas que nos surgem desde o séc. XV (Espanca, 1894, Pereira, 1885; Fabião, 1999, Memórias Paroquiais 1758) e de alguns trabalhos de escavação, pontuais, realizados nas últimas décadas do século XIX, movidos mais pela curiosidade e pela busca do objeto, do que pela procura do conhecimento das sociedades que, entre

* Docente de Arqueologia. Universidade de Évora/ Departamento de História. Investigadora CHAIA – Ref.^a UIDB/00112/2020.

o 7.º e o 3.º milénio a.C. os construíram, o estudo do megalitismo não tinha grande relevância em termos nacionais.

As três citações que iniciam este trabalho remetem-nos não só para os três principais grupos megalíticos do Alentejo Central: Pavia/Brotas; Montemor-o-Novo e Reguengos de Monsaraz, mas, também, para três momentos importantes, na 1.ª metade do séc. XX, para a investigação em torno do megalitismo representados por Vergílio Correia, Manuel Heleno e o casal Leisner, respetivamente. Estes falam-nos também de paisagens perdidas, quando os grandes afloramentos graníticos, com formas mais ou menos caprichosas, ainda abundavam nos campos alentejanos. Infelizmente, a 2.ª metade do séc. XX, com a introdução de uma agricultura mecanizada, mais agressiva, e dos sistemas de rega artificial, que exigiam campos limpos de barreiras, muitos afloramentos foram partidos, retirados/ enterrados para transformar o Alentejo numa planície aberta, sem obstáculos, sem pedras, mas também vazia de significados, pois, entre estas pedras perdidas nos campos, estavam também monumentos megalíticos. E, quando pensávamos que, neste domínio, já tudo tinha sido feito, chega-nos, na viragem do século XX/ primeiras décadas de XXI, as grandes culturas intensivas de oliveiras, amendoeiras e pomares... e mais uma vez, o nosso património, desde o megalitismo, aos sítios romanos e medievais/islâmicos ficou ameaçado, ou mesmo destruído...

2. O Megalitismo Alentejano

Quando falamos em megalitismo consideramos, desde logo, dois tipos muito diferentes de monumentos, não só em termos de arquiteturas, mas, também, em relação à sua função: i) os menires e recintos megalíticos que pertenciam, como veremos, ao universo dos vivos e, ii) as antas, desde as mais simples, de pequena dimensão, até aos monumentos de grandes dimensões, que serviam para enterrar os mortos.

No Alentejo, as centenas de monumentos megalíticos, escavados desde os finais do séc. XIX mostram-nos que este território teve uma grande dinâmica populacional durante a Pré-história Recente. Efetivamente, entre o 4.º e o 3.º milénio a.C., o mapeamento destes sítios mostra uma grande concentração de monumentos, de diferentes tipologias, desde o Norte ao Baixo Alentejo. Estes testemunham um período muito mais complexo e rico do que se supunha há apenas algumas décadas.

2.1. Menires e Recintos

No que diz respeito aos menires, que aparecem isolados (Fig. 1) ou em grupo (como os pares de menires, alinhamentos e recintos) (Fig.2), estes passaram praticamente despercebidos durante muito tempo nesta região, não obstante a existência de inúmeras escavações e/ou registos de antas nas suas imediações, como foi o caso de Pavia (Correia, 1921), de Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner, 1951) ou de Évora (Leisner, 1949). Este tema só ganhou relevância na 2.ª metade do séc. XX, com os trabalhos realizados em Reguengos de Monsaraz e em Évora, por J. Pires Gonçalves e Henrique Leonor Pina, que identificaram e publicaram vários menires isolados e recintos megalíticos, nomeadamente o Recinto dos Almendres, que só foi formalmente registado em 1964 (Alvim, 1996-1997, 2009; Calado, 2004; Gonçalves, 1970, 1975; Pina, 1971).

As manifestações rituais associadas a este tipo de monumentos megalíticos não funerários dificilmente se poderão conhecer com clareza, uma vez que, na maior parte dos casos, os vestí-



Figura 1: Exemplos de menires isolados, no Alentejo.



Figura 2: Exemplos de menires em associação, no Alentejo.

gios materiais deixados no local pelos seus construtores e utilizadores, a terem existido, não resistiram ao passar dos milénios. De facto, não obstante, já se terem intervencionado mais de duas dezenas destes monumentos no Alentejo, os dados sobre a sua função inicial e eventuais cerimónias associadas, são praticamente nulos. Temos em alguns casos, raros, a recolha de cerâmicas, artefactos líticos e carvões, que nos permitem perceber que estes monumentos começaram a ser construídos há cerca de 7000 anos mas, a sua escassez, não nos permite compreender a que tipo de cerimónias/festividades poderiam ter estado associadas (Alvim, 1996-

-1997, 2009; Alvim e Rocha 2011; Calado, 2004; Calado *et al*, 2007; Gomes 1997, 2002; Oliveira, 2016, 2020; Rocha e Alvim, 2018). As suas evidentes orientações ao nascer do sol e a posição de alguns dos menires dentro dos recintos, permitem-nos perceber que os solstícios e os equinócios seriam certamente momentos importantes para estas comunidades, que se encontravam completamente dependentes da natureza para sobreviver. Assim sendo, a hipótese que parece mais viável é a existência de cultos associados a divindades naturais (o sol, a chuva, a terra, a água, entre outros) que é coincidente, como referi, com a mudança das estações do ano que representam, na sua essência, períodos de nascimento dos animais, de sementeiras, de colheitas... Naturalmente que a inexistência de vestígios físicos, permitirá sempre a construção de diferentes hipóteses e teorias sobre este assunto, sem que se saiba qual a mais acertada.

2.2. Sepulturas e Antas

A amostra que temos ainda disponível/conservada permite-nos, sem qualquer dúvida, afirmar que o Sul de Portugal é a área que possui a maior mancha megalítica funerária da Península Ibérica. Estes monumentos foram genericamente construídos a partir do Neolítico (há cerca de 5000 anos), mas com sofreram remodelações e reutilizações até à Idade Média (Gonçalves, 1992; Leisner e Leisner, 1959; Oliveira, 1997; Rocha, 2005, 2014, 2016). A análise deste vasto conjunto permite-nos compreender que existem diferentes tipos de assimetrias regionais, em termos de tipologias, espólios e rituais. Efetivamente, mesmo em relação ao Alentejo, quando observamos os contextos funerários existentes, verificamos que existe uma grande diversidade de soluções arquitetónicas (Fig. 3 e 4), muitas delas identificadas apenas nas últimas duas décadas, como as estruturas escavadas na rocha (os hipogeus e as fossas), pelo que já não podemos falar, para este espaço, de arquiteturas megalíticas, mas de arquiteturas funerárias, uma vez que são também utilizadas as grutas naturais e construídos monumentos escavados na rocha. Compreender e explicar esta variabilidade não é tarefa fácil, existindo provavelmente várias justificações, algumas delas, certamente, relacionadas com questões de ordem física (tipo de geologia ou de matéria prima disponível na área), mas outras serão de ordem cultural/ religiosa.

Não obstante toda a diversidade e questões existentes, os dados obtidos até ao momento permitem-nos, ainda assim, propor leituras gerais, como constatar que temos espólios mais simples a aparecer, sobretudo, associados a monumentos de pequena dimensão (as sepulturas proto-megalíticas) e que, os monumentos de maiores dimensões (antas com corredor) possuem



Figura 3: Exemplos de plantas de sítios funerários, por tipo de arquiteturas.

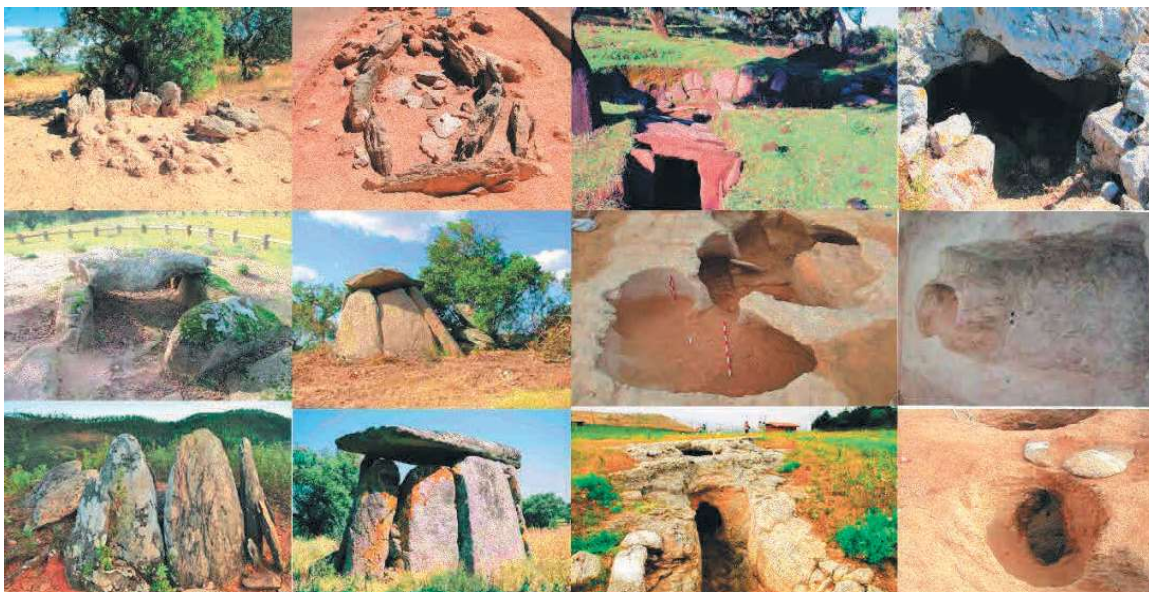


Figura 4: Imagens dos diferentes tipos de arquiteturas (sgd. Rocha, 2020b).

espólios mais variados, alguns dos quais realizados sobre matérias primas que não existem no Alentejo (como o marfim e o âmbar). Mais uma vez, como acontece com os menires, temos problemas em datar estes monumentos com alguma certeza, uma vez que encontrar material para datar, ossos ou carvões, devido à acidez dos solos, tem-se relevado uma tarefa difícil. Contudo, os resultados das dezenas de escavações realizadas apontam para uma maior antiguidade das arquiteturas megalíticas funerárias mais simples em relação às mais complexas, apesar de nem todos os autores estarem de acordo quanto à sequência evolutiva das arquiteturas, devido à escassez de datações absoletas para os monumentos mais pequenos e à problemática relação entre espólios e arquiteturas (Bueno Ramírez *et alii*, 2016; Fernandes, 2011; Oliveira, 1997; Rocha, 2005, 2020a, 2020b).

3. Os traços do tempo: o que nos dizem as antas e os menires?

A análise dos dados que temos recolhidos sobre o megalitismo alentejano, comprova-nos que estes monumentos se começaram a construir numa fase bastante antiga, no início do Neolítico, altura em que temos as primeiras populações a fixarem-se no território, há cerca de 7000/6000 anos. Associamos a esta primeira fase o aparecimento dos menires, isolados ou em recintos, apesar de não se ter a certeza se a sua construção não se terá prolongado no tempo... Mas, para esta fase inicial, não conseguimos saber onde se enterravam os seus mortos, uma vez que, aparentemente, as pequenas sepulturas protomegalíticas podem ser cerca de 1500 anos mais tardias. Teriam estruturas construídas com matéria orgânica (madeira) que se decompôs? Provavelmente sim.

É a partir da segunda metade do 4.º milénio e ao longo do 3.º milénio a.C. que o Alentejo assume uma grande dinâmica em termos peninsulares (Fig. 5). A quantidade de sítios de povoamento e de necrópoles fala-nos de um Alentejo muito povoado e virado para o exterior, com contactos por terra e por mar que lhes permitia obter matérias primas de áreas muito distantes. A multiplicidade de tipologias funerárias identificadas (Fig. 3 e 4), associadas a uma grande

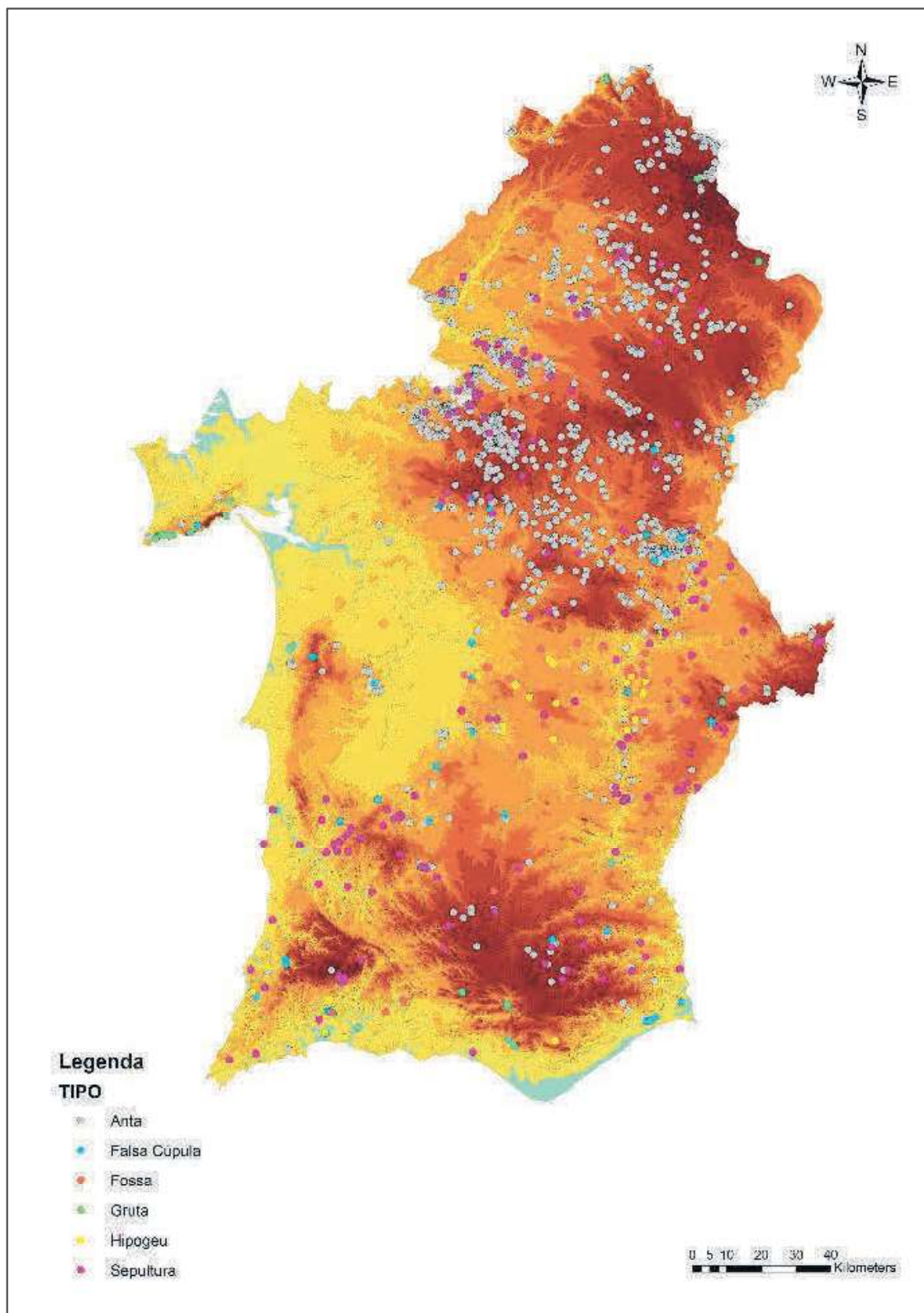


Figura 5. Sítios com contextos funerários existentes no Sul de Portugal, no séc. XXI (© Gertrudes Branco)

diversidade de comportamentos rituais e/ou religiosos, numa relação de proximidade com os mortos comprovam mentalidades diferentes, que não são facilmente explicáveis, pelo menos por agora. Efetivamente, no campo dos comportamentos relacionados com a morte, a conjugação de restos osteológicos, com a presença/ ausência de espólios e as evidências de atos de natureza claramente ritual (como por exemplo, colocar pigmentos vermelhos sobre os inumados) comprovam a existência de uma grande diversidade de comportamentos sociais perante a morte.

Neste quadro de análise parece estar a emergir uma clara diferença dentro do mundo funerário do Alentejo, com o centro-norte a possuir monumentos construídos com grandes pedras, e o sul a construir sepulcros escavados na rocha. Estas duas conceções de arquitetura da morte traduzem-se, desde logo, numa evidência, umas foram construídas para serem vistas e facilmente identificadas na paisagem – as antas com as suas mamoas mais ou menos monumentais – mas, as outras – os hipogeus e as fossas – parecem ter uma filosofia completamente oposta, com as suas construções escavadas na rocha, invisíveis na paisagem, razão pela qual só muito recentemente se começaram a identificar no âmbito dos trabalhos do empreendimento do Alqueva. Temos assim, de um lado, populações a realizarem um grande investimento na visibilidade dos seus mortos e, do outro, populações que investem na sua invisibilidade. As datações existentes confirmam que estas duas filosofias perante a morte coexistiam, no Alentejo, ao mesmo tempo.

O evoluir da investigação arqueológica neste novo século passará, certamente, pela realização de outro tipo de abordagens aos espólios e aos restos osteológicos recuperados, pelo que análises mais específicas, como o estudo genético através de ADN antigo, poderão vir ajudar a compreender melhor as origens destas populações o que poderá ajudar a explicar muitas das diferenças registadas em relação aos espólios e às arquiteturas megalíticas.

Bibliografia

- ALVIM, P. (2009): Recintos megalíticos do Ocidente do Alentejo central: arquitectura e paisagem na transição Mesolítico-Neolítico. Évora (tese de mestrado policopiada).
- ALVIM, P. (1996-97): “Sobre alguns vestígios de paleoastronomia no cromeleque dos Almendres”. A Cidade de Évora, Évora: II: 2, 5-23.
- ALVIM, P., ROCHA, L. (2011): “Os menires do Alto da Cruz: novos dados e algumas reflexões sobre o megalitismo da área de Brotas (Mora) “. Revista Portuguesa de Arqueologia. 14., Lisboa: 41-55
- BUENO RAMÍREZ, P., BARROSO BERMEJO, R. y BALBIN BEHRMANN, R. (2016): “Between East and West: Megaliths in the Centre of the Iberian Peninsula”. The Megalithic Architectures of Europe, Oxbow Monographs: 157-166.
- CALADO, M. (2004): Menires do Alentejo Central. Génesis e evolução da paisagem megalítica regional. Lisboa: FLL. (Tese de doutoramento policopiada).
- CALADO, M., ROCHA, L; ALVIM, P. (2007): “Neolitização e Megalitismo: o recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central)”. Revista Portuguesa de Arqueologia. 10 (2), Lisboa: 75-100
- CORREIA, V. (1921): El Neolítico de Pavia. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- ESPANCA, P.J. (1894): Estudo sobre as antas e seus congéneres. Vila Viçosa.
- FABIÃO, C. (1999): “Um século de arqueologia em Portugal – I”. Al-madan. II série (8). Almada: [s.l]: 104-126.
- FERNANDES, R. (2011): Entre a Arrábida e o Alentejo Central: o enquadramento das grutas naturais no contexto da Pré-história. Évora Évora (tese de mestrado policopiada).
- GOMES, M.V. (1997): “Cromeleque da Portela de Mogos. Um monumento sócio-religioso megalítico”. Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora, Évora: 35-40.

- GOMES, M. V. (2002): Cromeleque dos Almendres: um monumento sócio-religioso neolítico. FCSH, Lisboa: FCSH/UTL (tese de mestrado policopiada).
- GONÇALVES, J.P. (1970): “Menires de Monsaraz”. *Arqueologia e História*, IX s.: II, 157-176.
- GONÇALVES, J.P. (1975): “Roteiro de alguns megálitos da região de Évora”. *A Cidade de Évora*, 58, 3-25.
- GONÇALVES, V. S. (1992): *Revedo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa.
- LEISNER, G. (1949): “Antas dos arredores de Évora”. *A Cidade de Évora*. Évora: 499-528.
- LEISNER, G. y LEISNER, V. (1951): *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, G. y LEISNER, V. (1959): *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen 2*, Berlin.
- OLIVEIRA, J. (1997): *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa.
- OLIVEIRA, J. (2016): “Datas Absolutas para os menires do Alentejo, Portugal”. XII Conferência Internacional Antropologia. Havana.
- OLIVEIRA, J. (2020): “Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo”. *Arqueologia em Portugal 2020. Estado da Questão*. Lisboa: 750-770.
- PEREIRA, G. (1875): *Dolmens ou antas nos arredores de Évora*. Notas dirigidas ao Exmo Sr. Dr. Augusto Filipe Simões, Évora.
- PINA, H.L. (1971): “Novos monumentos megalíticos do Distrito de Évora”. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra VI, 151-161.
- ROCHA, L. (2005): *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa (Tese doutoramento Policopiada).
- ROCHA, L. (2014): “The contribution of Manuel Heleno to the knowledge of the funerary Megalithic in Alentejo”. *Rendering Death: Ideological and Archaeological Narratives from Recent Prehistory (Iberia)* BAR International Series 2648: 13-22.
- ROCHA, L. (2016): “Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano”. *Terra e Água. Escolher Sementes, invocar a Deusa. Estudos & Memórias* 9: 167-177.
- ROCHA, L. (2020a): “Where were the dead buried in Recent Prehistory? The problem of architectures versus chronologies in Central Alentejo (Portugal)”. *Pre and Protohistoric Stone Architectures. Comparisons of the social and technical contexts associated to their building*. Oxford: 86-94.
- ROCHA, L. (2020b): “Datações absolutas para contextos funerários do Sul de Portugal: algumas reflexões”. *Scientia Antiquitatis*. Évora: 81-104.
- ROCHA, L; ALVIM, P. (2018): “O Menir do Cabeço da Areia (Brotas, Mora)”. *DE GIBRALTAR AOS PIRENÉUS. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Nelas: 341-352.